

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARLOS ROBERTO DOS SANTOS

IDENTIFICANDO E SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA

BELO HORIZONTE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO LATU-SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - LASEB

CARLOS ROBERTO DOS SANTOS

IDENTIFICANDO E SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA

BELO HORIZONTE

2010

CARLOS ROBERTO DOS SANTOS

IDENTIFICANDO E SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação Lato sensu em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção de Especialista em História da África e cultura afro-brasileira: uma introdução a Lei nº 10.639/03.

ORIENTADORA: Prof.^a MS. Maria José Batista Pinto

BELO HORIZONTE

2010

CARLOS ROBERTO DOS SANTOS

IDENTIFICANDO E SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação Lato sensu em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção de Especialista em História da África e cultura afro-brasileira: uma introdução a Lei nº 10.639/03.

Aprovada em .11 de .dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. MARIA JOSÉ BATISTA PINTO

Prof.

..... (Convidado/a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO CENTÉSIMO TRIGÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL
- CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HISTÓRIA DA ÁFRICA**

Aos onze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dez, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão da quarta edição do curso LASEB – Pós-graduação lato sensu em Educação Básica – com o título Identificando e Superando o Racismo na escola

do aluno CARLOS ROBERTO DOS SANTOS. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Maria José Batista Pinto (Orientadora) Miriam Lúcia Santos Jorge e Liliane Santos Jorge. Os trabalhos iniciaram-se às 8 horas, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo orientador. Após a apresentação oral da pesquisa, a banca examinadora fez uma arguição ao candidato. A banca se reuniu, em seguida, sem a presença da candidata e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno, que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital (CD), de acordo com as orientações da secretaria do colegiado de curso. Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 11 de dezembro de 2010.

Aluna



nº de matrícula 2009749523

Professora


Maria Jose Batista Pinto

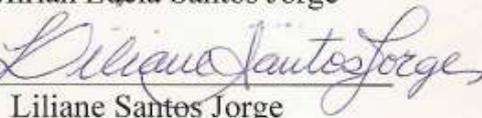
- Orientadora

Professora

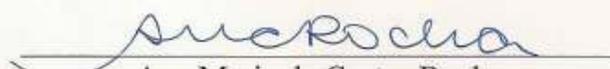

Miriam Lucia Santos Jorge

- convidado/avaliador

Professora


Liliane Santos Jorge

- convidado/avaliador


Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso Lato Sensu
em Docência na Educação Básica

Dedico este trabalho a minha família, cujos
integrantes conferem sentido à minha
existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professore(a)s do curso de pós-graduação Latu-senso oferecido pelo LASEB em parceria com a PBH: História da África e Culturas Afro-brasileiras, pelos conhecimentos ministrados, mas mais ainda por reacender em mim a chama da militância necessária. Agradeço igualmente a todos aquele(a)s profissionais da administração do curso pela alegria e dedicação com que nos receberam em todos esses sábados. Aos meus (minhas) colegas de curso pela riqueza compartilhada ao longo de todo esse tempo. À minha orientadora Maria José Batista Pinto pelos ensinamentos e pela paciência e comprometimento demonstrados e finalmente um especial agradecimento a Vanusa pelo estímulo e inestimáveis serviços digitais prestados sem os quais seria impossível a conclusão do presente trabalho.

“E aquilo que nesse momento se revelará
aos povos.

Surpreenderá a todos, não por ser exótico.

Mas pelo fato de poder ter sempre estado
oculto

Quando terá sido o óbvio.”

(Caetano Veloso)

RESUMO

O presente Plano de ação pretende contribuir na educação para as relações de caráter étnico-racial de estudantes da modalidade EJA, da E. M. Professor Amilcar Martins, pertencente à Rede Municipal de Belo Horizonte. No entanto, nutre a esperança de que poderá ser utilizado também, quem sabe a título de inspiração, em outros contextos escolares, desde que seja devidamente observadas as adaptações necessárias.

Objetivando valorizar as nossas origens africanas procuramos proceder inicialmente a uma crítica radical com relação às imagens construídas do continente africano e de seus habitantes no mundo de uma forma geral, e no Brasil em particular, empreendendo a seguir, um significativo esforço no sentido de apresentá-los através de uma perspectiva não eurocêntrica.

Em um segundo momento foi previsto a realização, através da utilização de instrumentos diversos tais como, pesquisas de campo, gráficos, tabelas, textos diversos, propagandas e programas televisivos, de importantes análises possibilitando aos estudantes a constatação da existência do racismo com relação ao negro em nosso meio sócio-cultural. Essa etapa é de extrema importância em virtude da ainda arraigada crença de muitos brasileiros no mito da democracia racial, segundo o qual não existe racismo em nosso país.

No intuito de acentuar ainda mais a percepção da existência de preconceito étnico-racial e de identificar a sua especificidade genuinamente brasileira, a saber a sutileza com que o mesmo se manifesta em nosso cotidiano, procuramos afinar definições e características do que vem a ser preconceito e racismo e comparar a nossa experiência nesse particular com aquela que historicamente se desenvolveu e ainda se desenvolve nos Estados Unidos da América.

Na sequência do desenvolvimento desse Plano de Ação procedemos a uma extensa releitura da História do Brasil utilizando como eixo articulador da mesma a temática do negro em seus diversos contextos, desde as forçadas e traumáticas viagens nos famigerados navios negreiros, passando pelos horrores da escravidão e pelas diversas estratégias de resistência e de reexistência, até a forma como se deu a abolição e a sua inserção incompleta e marginal no contexto da sociedade brasileira republicana que emergiu nos derradeiros anos do século XIX. Toda essa retrospectiva histórica tem por claro objetivo possibilitar ao estudante a compreensão da gênese das manifestações de preconceito de natureza étnico-racial em nosso meio.

No final do trabalho retomamos o tema a partir do resgate de diversas manifestações culturais próprias da negritude do Brasil, não no sentido de folclorizá-las, mas inversamente de valorizá-las enquanto componentes vivos que informa a nossa identidade cultural brasileira. No

mesmo sentido, procuramos salientar a fecundidade da ação de diversos negros ilustres ao longo de nossa história não só no campo da cultura e dos esportes, mas também nos que diz respeito ao pensamento social e político.

Concluimos essa síntese na expectativa de que o presente Plano de Ação possa colaborar no sentido de resgatar a auto-estima de nossa população negra e possibilitar a expressão de vozes que foram injustamente relegadas e condenadas ao profundo e angustiante silêncio da história.

SUMÁRIO / GRÁFICOS

1.	SEXO.....	21
2.	FAIXA ETÁRIA	21
3.	COR DA PELE	21
4.	HÁ RACISMO NO BRASIL.....	21
5.	VOCÊ É RACISTA	21
6.	VOCÊ JÁ FOI REPROVADO?	22
7.	QUANTAS VEZES?	22
8.	PAROU DE ESTUDAR?.....	22
9.	QUANTO TEMPO FICOU SEM ESTUDAR?.....	22
10.	MOTIVOS PARA ABANDONAR A ESCOLA.....	23
11.	MOTIVAÇÃO PARA VOLTAR ESTUDAR.....	23
12.	VOCÊ TRABALHA?.....	24
13.	TEM CARTEIRA ASSINADA.....	24
14.	FAIXA SALARIAL.....	24
15.	TEM FILHOS?.....	24
16.	QUANTOS FILHOS?.....	24
17.	RELIGIÃO.....	25
18.	FREQÜÊNCIA QUE LÊ JORNAL.....	25
19.	FREQÜÊNCIA QUE LÊ REVISTA.....	25
20.	FREQÜÊNCIA QUE LÊ LIVROS.....	25

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E SUJEITOS.....	16
2.1 A escola	16
2.2 O público da EJA	18
2.3 Os sujeitos/objetos	19
2.4 Perfil sócio econômico cultural dos sujeitos	19
3. PROPOSTA E SUA JUSTIFICATIVA	26
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
4.1 A constituição do racismo no Brasil – características e peculiaridades.....	29
4.2 Educação para o combate ao racismo.....	32
5. OBJETIVOS.....	34
5.1 Objetivo Geral.....	35
5.2 Objetivos Específicos.....	35
6. METODOLOGIA.....	37
7. CRONOGRAMA.....	40
8. AVALIAÇÃO.....	43
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
10. REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO.....	47

1. APRESENTAÇÃO

O presente Plano de Ação se propõe basicamente a identificar a existência do preconceito étnico-racial na sociedade brasileira, bem como propiciar a compreensão de sua gênese histórica, suas especificidades e colaborar na luta contra essas manifestações racistas.

Trata-se de um trabalho de conclusão do curso de pós-graduação *Latu senso* de **História da África e Cultura Afro-Brasileira: uma introdução à Lei 10.636/03**, oferecido pelo LASEB em parceria com a PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte). Portanto, pode ser considerado um dos inúmeros frutos gerados pela aplicação da referida lei anti-racista no Brasil.

No entanto, é possível afirmar que esse trabalho é consequência não menos direta de toda uma história de escolhas didático-pedagógicas e políticas realizadas por seu autor ao longo de vários anos que, entre inúmeras lutas priorizou, desde muito cedo a luta contra as injustiças intrínsecas às concepções e atitudes racistas e suas manifestações sociais.

Iniciamos nossa tarefa a partir da aplicação de um questionário que fornecesse dados a respeito do perfil social, econômico e cultural do público objeto/sujeito desse Plano de Ação. Os principais objetivos na utilização desse instrumento foram o de conhecer a realidade onde o trabalho didático-pedagógico seria vivenciado e de adquirir informações que cumprissem a função de fornecer subsídios para o seu desenvolvimento.

Após formular a nossa proposta e justificar a sua necessidade, realizamos um esforço de fundamentação teórica onde procuramos deixar explícitos os conceitos a partir dos quais toda a mesma foi estruturada. Especificamente o que entendemos por racismo e por ensino-aprendizagem de uma forma geral e por educação para as relações étnico-raciais, em particular, bem como as características e formação histórica desse preconceito na realidade brasileira.

Finalmente, após o estabelecimento criterioso dos objetivos gerais e específicos elaboramos a metodologia que julgamos adequada ao público sujeito/objeto do presente Plano de Ação. Aqui entendemos como de fundamental importância a atitude e a escolha de recursos que, ao priorizar o diálogo cumprisse, com o máximo de rigor possível, a função de estimular a expressão dos conhecimentos tácitos dos estudantes para, num segundo momento, estabelecer as necessárias relações com os novos conhecimentos e atitudes a serem assimilados.

De como tudo começou: ser/tornar-se professor enquanto compromisso político

A excessiva timidez que me acompanhou durante toda a adolescência, acabou por tornar-me um estudante comprometido e um insaciável leitor de gibis e livros, especialmente aqueles que me faziam viajar em imaginação através de gravuras e fotografias.

Aos 17 ou 18 anos de idade continuava, por incrível que possa parecer, a fantasiar o meu mundo e uma de minhas fantasias mais recorrentes era a de imaginar-me presidente do Brasil com sonhos, então autoritários, de expansionismo e grandeza; em minhas ingênuas divagações eu não só administrava o Brasil como, também, conquistava os “pobres” vizinhos latino-americanos utilizando os seus recursos naturais e meus conhecimentos e poder para promover justiça social e distribuição de riquezas.

Esses meus devaneios, embora fundamentados em teorias políticas ainda incipientes e carentes de maior maturidade, eram seguramente as manifestações de um profundo sentimento de insatisfação e conseqüente rebeldia com relação à injusta sociedade na qual estava inserido. Essa insatisfação e essa rebeldia puderam finalmente romper as barreiras da fantasia quando descobri que havia um grupo de jovens católico muito badalado na comunidade em que vivia. A descoberta de que tal agremiação era freqüentada por dois jovens universitários que defendiam idéias comunistas, aceleraram o meu ingresso no mesmo.

Como integrante do JUPS (Jovens Unidos Para Sempre) rapidamente transpus o portal que separava a teologia católica tradicional para a revolucionária teologia da Libertação, graças à atuação de um jovem seminarista que então visitava, com certa freqüência, os grupos de jovens da região. Minha atuação tornou-se decididamente mais politizada e cada vez menos religiosa, conduzindo-me por uma rota que me distanciava mais e mais do grupo de jovens e da própria Igreja Católica. Portanto, as minhas ações sociais foram as influências mais importantes para que optasse por fazer um curso universitário na área das ciências humanas, mais especificamente o curso de História. Acreditava então, como acredito ainda hoje, que conhecer, não somente o passado, mas o processo histórico como um todo poderia fornecer-me o instrumental adequado a uma melhor compreensão da realidade política, econômica, social e cultural em que me encontrava envolvido.

Ingressei na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), no segundo semestre de 1987 e formei em agosto de 1992. Demorei, portanto, cinco anos para completar a licenciatura em História. O atraso de um ano em relação ao normal previsto para a conclusão indica que minha trajetória acadêmica foi perpassada por “altos e baixos”. A motivação que me levou a enfrentar a concorrência de um vestibular continuou ao longo do primeiro ano de estudante, visto que, além das boas notas tive uma participação em sala bastante

destacada. Contudo, a partir do terceiro período até o momento em que a FAFICH transferiu-se para o campus da Pampulha em 1990, passei a ser assaltado por sérias dúvidas quanto à validade do curso que havia escolhido. Temi pelos baixos salários que receberia enquanto professor ou pesquisador e até mesmo questioneei a felicidade que porventura poderia auferir com a escolha que havia feito.

Essa crise, no entanto, foi superada a partir de 1989 quando, após uma greve dos professores universitários e a mudança de endereço, assumi de “corpo e alma” o curso escolhido e voltei a me destacar positivamente em minha vida acadêmica. Teria continuado os estudos me tornando historiador após a formatura da graduação, se não fosse a premente necessidade de garantir a sobrevivência. Assim sendo, nos anos subseqüentes, assumi a regência de turmas do Ensino Fundamental da Rede Pública, lecionando no Estado, num primeiro momento e posteriormente, após aprovações em diversos concursos públicos, nas redes municipais de Contagem, Betim e Belo Horizonte, respectivamente.

A minha relação com a área de História da África e Cultura afro-brasileira teve início no tempo em que ainda era adolescente e militante do grupo de jovens da Igreja Católica na década de 1980. O sentimento de insatisfação e inconformismo pessoal que me levou a integrar essa agremiação incluía efetivamente a consciência da injustiça histórica a que foram relegados um importante sujeito de nossa história, os nossos antepassados africanos e sua descendência, na qual me incluo. Acreditava, então, como acredito ainda hoje, que uma sociedade mais humana, solidária e democrática inclui, indubitavelmente, um intransigente esforço no sentido de levantar o véu ideológico que encobre a questão étnico-racial no Brasil e um decisivo esforço no sentido de combater, com instrumentais e metodologias adequados, as injustiças decorrentes do tratamento conferido a essa questão no Brasil e no mundo.

O meu envolvimento com a questão étnico-racial continuou a me acompanhar ao longo de toda a minha vida profissional, uma vez que procurei abordar o tema em questão em praticamente todos os anos que lecionei, principalmente através de projetos específicos que pudessem esclarecer as relações racistas, características da sociedade brasileira e suas trágicas conseqüências para o bom funcionamento do organismo social.

A minha luta contra a injustiça intrínseca às relações de natureza étnico-racial no Brasil recebeu uma motivação extra e um reforço imenso quando da aprovação da Lei 10.639/03 estabelecendo a obrigatoriedade de se incluir nos currículos escolares temas relativos à História da África e Cultura Afro-brasileira. A partir de então o debate em torno do assunto tornou-se pauta obrigatória nas formulações dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e entre os profissionais das mais diversas áreas do universo escolar. Na esteira da lei decidi por fazer o curso de Pós graduação Latu-

senso em **História da África e Cultura Afro-brasileira: uma introdução à lei 10.639/03** oferecido pelo LASEB em parceria com a PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte). A frequência no curso e a consequente participação nas aulas oferecidas, favoreceram a aquisição de conhecimentos e metodologias que têm fundamentado teoricamente os meus projetos de ensino na área de estudos envolvendo a identidade negra e a valorização da contribuição de matriz africana para a cultura brasileira.

Além disso, é importante destacar que o estabelecimento de contatos com profissionais da educação da Rede Municipal de Belo Horizonte comprometidos com o combate ao silêncio histórico a que a temática tem sido relegada na sociedade brasileira de uma maneira geral, forneceram a necessária motivação à continuidade de minha luta pessoal por um mundo mais humano, justo e verdadeiro.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E SUJEITOS

2.1 - A escola

Esse Plano de Ação foi elaborado para ser trabalhado em duas turmas da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) da EMPAM (Escola Municipal Professor Amilcar Martins), pertencente à Rede Municipal de Belo Horizonte, situada à Rua Prelúdio, 54, Bairro Santa Amélia.

Historicamente a E. M. Professor Amilcar Martins funcionou em outro endereço que não o atual com apenas cinco salas de aula. Teve ainda um segundo e provisório endereço antes de se fixar definitivamente no endereço onde hoje se situa. Esses dados iniciais, somados ao fato de que o atual terreno onde a escola se encontra foi doado pela comunidade nos permitem concluir que se trata de uma instituição fruto de demanda da própria comunidade.

A escola se situa em um bairro devidamente urbanizado de moradores que poderíamos, talvez, classificar como de classe média baixa. Contudo, não muito distante desse local existem bairros mais pobres, inclusive vilas, cujos habitantes constituem grande parte do público que a frequenta. Trata-se, portanto, de um público bastante heterogêneo.

Além de obviamente constituir um centro de difusão e produção de conhecimento desempenha também um importante papel como ponto de encontro e convivência da comunidade, especialmente durante as tradicionais festas que anualmente realiza em seu espaço.

A escola como um todo, incluindo os três turnos, não possui uma proposta pedagógica escrita. No entanto, diversos esforços têm sido feitos, através do tempo no sentido de dotá-la de um PPP que verdadeiramente represente, de forma mais adequada, a sua filosofia. Isso não significa que o trabalho pedagógico se faça apenas de forma inconsciente. Significa, sim, que os sujeitos da escola atuam no cotidiano escolar com o objetivo claro de fornecer uma educação de qualidade sem que tenham conseguido efetivamente registrar essas várias filosofias em uma proposta pedagógica escrita.

Por outro lado, o noturno, tempo em que trabalho nessa escola, possui um projeto escrito de EJA. Contudo, a prática, embora feita da melhor forma possível, se encontra distante daquilo que efetivamente se encontra registrado. A educação das relações étnico-raciais a noite é realizada enquanto específico projeto anual na área de história e, também ao longo do ano todo, à medida que problemas são detectados ou quando se aborda conteúdos em que a temática se faz presente e

necessária. É importante registrar também que outros professores realizaram trabalhos significativos nessa área, especialmente nesse ano de 2010.

Quanto aos outros turnos, experiências isoladas no trabalho com o tema têm cada vez mais cedido lugar a esforços promissores em direção à interdisciplinaridade, como foi possível observar na Feira de Cultura desse ano.

Fisicamente a escola é toda pintada em diversos tons de azul e distribuída em quatro andares. No nível mais inferior, funcionam a quadra de esportes - muito pequena, diga-se de passagem - uma sala de multimeios, que normalmente não cumpre essa função, e um pilotis, onde são realizadas atividades de cunho cultural.

No segundo nível, se encontram a cantina, um pequenino palco de concreto, um pátio, um almoxarifado e os banheiros. No terceiro andar encontram-se, além de diversas salas de aula, as salas da direção, da coordenação e dos professores, um laboratório, a biblioteca, banheiros de funcionários e professores e um pequeno espaço destinado à reprodução de textos escritos.

Finalmente no quarto e último andar funcionam também, diversas salas de aula. As aulas se desenvolvem em módulos de 60 minutos, com um intervalo no meio. À noite esse intervalo ocorre após a primeira aula e tem a duração de 10 a 20 minutos.

Trabalho no noturno da escola desde 2005, quando funcionavam duas modalidades de ensino: o Regular e o EJA. No primeiro ano atuei no regular, depois disso, passei a trabalhar na EJA, que a partir de então se tornou a única modalidade oferecida na instituição nesse horário

A minha relação com a escola é de muito carinho, porém igualmente marcada por uma certa distância, visto que, a frequento apenas em meu horário de trabalho, qual seja, das 18 às 22h30min. Meu trabalho didático-pedagógico é baseado em um ensino da História que mescla a transmissão de conhecimentos tradicionalmente constituídos (devidamente contextualizados, diga-se de passagem) com abordagens temáticas relacionadas a determinados conteúdos. Não utilizo livros didáticos, mas textos escritos produzidos por mim mesmo em uma dosagem e linguagem que julgo mais adequadas ao público para o qual leciono.

2.2- O público da EJA

Trata-se de alunos adultos e trabalhadores em sua maioria e possuem um histórico escolar marcado por fracassos e evasões. Essas características são por si só reveladoras de uma série de dificuldades no que diz respeito à adaptação à cultura escolar. No entanto, carregam consigo conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória em diversos ambientes, o que possibilita um diálogo qualificado no contexto da sala de aula.

Além desse público majoritário, uma razoável quantidade de adolescentes e jovens também frequenta a escola nesse turno/modalidade. Essa importante parcela de estudantes apresenta características diversas das apontadas para os alunos adultos. Encontram-se na faixa etária entre 14 e 20 anos de idade e, via de regra, são egressos dos outros turnos da escola. Normalmente dominam aquilo que chamamos de cultura escolar, mas são historicamente marcados por seguidas reprovações e dificuldade de adaptação ao ambiente escolar, especificamente a sala de aula.

Assim como os alunos adultos, estes frequentam a escola e demonstram a mesma expectativa de adquirir os conhecimentos definidos pela tradição escolar através dos métodos não menos tradicionais de transmissão, quais sejam, a mera exposição oral de conteúdos com exaustiva utilização do quadro negro enquanto fontes de informação. No entanto, paradoxalmente, diferentemente dos adultos, no cotidiano os jovens e adolescentes vivenciam uma relação de desafio e enfrentamento aberto às autoridades, conteúdos e métodos estabelecidos.

Esse ano a modalidade EJA da escola é formada por seis turmas, sendo duas do primeiro segmento, que lidam com alunos em fase inicial de alfabetização e quatro de segundo segmento, correspondente aos níveis mais avançados de aprendizado. As turmas do segundo segmento são quatro, sendo uma do Básico, duas do Intermediário e uma de Finalização. Essas enturmações são constituídas baseadas no histórico escolar apresentado pelo estudante no ato de matrícula ou, na ausência deste, no nível de aprendizado de habilidades, competências e conteúdos verificados a partir de avaliações apresentadas pelos profissionais da escola.

2.3- Os sujeitos/objetos

O presente Plano de Ação será trabalhado com a turma do Básico e uma das turmas do Intermediário, ambas constitutivas do chamado segundo segmento, correspondentes às antigas 5ª. e 6ª. séries do primeiro grau, do Ensino Fundamental respectivamente.

Essa escolha foi realizada em função de se tratar de um projeto experimental com alunos adultos, público majoritário nessas turmas, situação que não ocorre nas outras duas turmas do segundo segmento, constituídas, em sua maioria, por estudantes jovens.

A opção por um público adulto enquanto objeto/sujeitos do presente Plano de Ação, fundamenta-se na expectativa quanto à forma de ação/reação de preconceito frente a uma temática tão polêmica e enraizada, quanto essa do racismo no Brasil. Além disso, trata-se de um público que tem, entre suas inúmeras atribuições cotidianas, a tarefa essencial de educar toda uma imensa geração de adolescentes e crianças em todos os sentidos, especialmente na área de identificação e combate às manifestações racistas presentes em nosso corpo social.

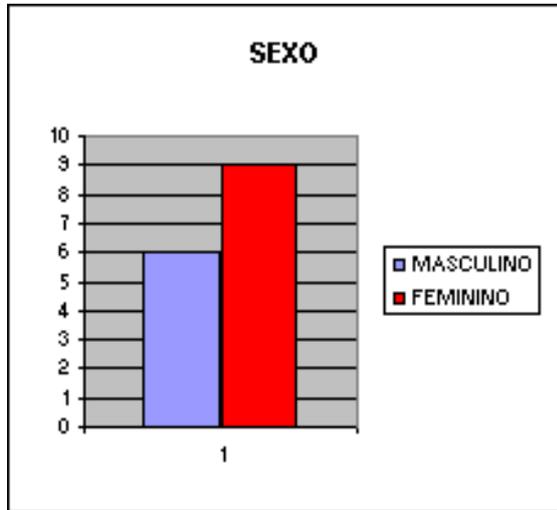
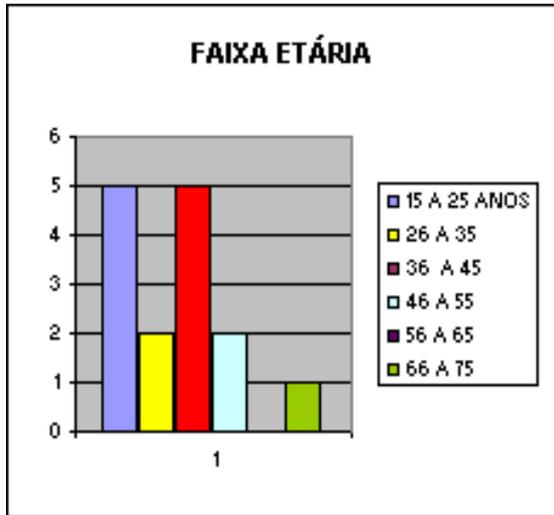
2.4- Perfil sócio-econômico e cultural dos sujeitos

Inicialmente decidimos pela formulação e aplicação de um questionário para levantamento do perfil sócio-econômico e cultural nas turmas sujeito/objeto desse Plano de Ação (ver anexo). Os objetivos da utilização desse recurso são os de ampliar e aprofundar o conhecimento dos estudantes envolvidos no trabalho, bem como a obtenção de um diagnóstico e de parâmetros que pudessem nos orientar ao longo do tempo/espço de realização do trabalho.

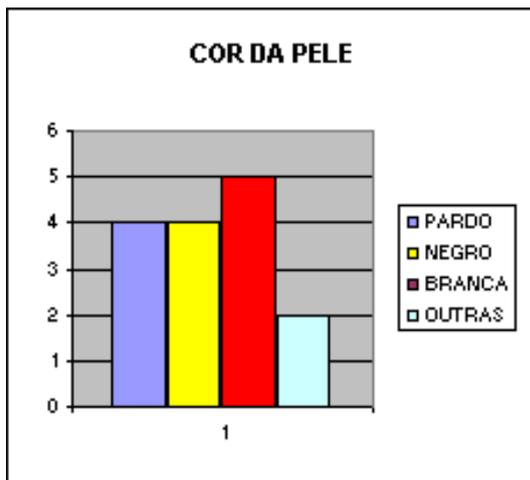
Trata-se de um questionário composto por 30 questões onde procuramos levantar dados como origem, idade, endereço e sexo dos educandos. Várias questões foram formuladas também visando a identificação e análise de informações sobre o seu histórico escolar e suas perspectivas com relação ao estudo, a sua vida profissional, além de credo religioso e hábitos de leitura e lazer.

Finalmente, mas não menos importante procuramos, através desse questionário, tomar conhecimento de sua identidade étnico-cultural, bem como do grau de consciência desenvolvido a respeito das manifestações de preconceito étnico-racial em nosso meio social.

A partir da tabulação dos dados do questionário foi possível perceber que se trata de turmas onde predominam estudantes adultos, com idade variando de 33 a 72 anos e de sexo feminino, havendo uma pequena quantidade de jovens de 15 e 16 anos.



A auto-imagem desses sujeitos no que diz respeito à cor da pele se encontra igualmente dividida entre as 3 cores sugeridas no questionário, a saber: branco, negro e pardo. São unânimes ao perceber a existência do racismo em nosso país e, mais da metade, em torno de 57% aproximadamente, conseguem assumir o próprio racismo.

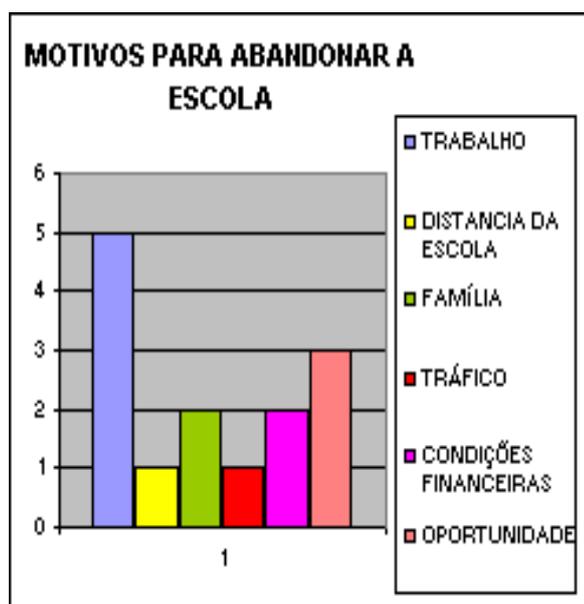


Esses últimos dados acerca do racismo refletem o resultado de outros trabalhos pedagógicos anteriormente realizados com essas turmas a respeito dessa temática e podem ser apontados como positivos, na medida em que sustentamos a tese de que um dos pressupostos básicos para superar concepções racistas, é exatamente a capacidade dos indivíduos em assumir a presença do mesmo em suas atitudes, afinal de contas não acreditamos ser possível combater algo que não temos a plena consciência de sua existência.

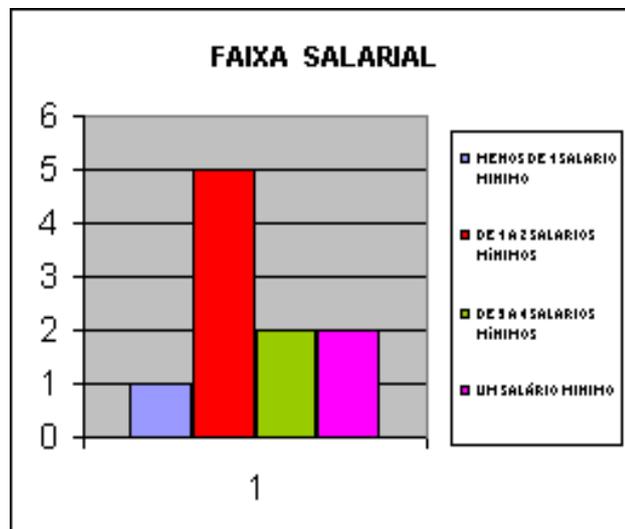
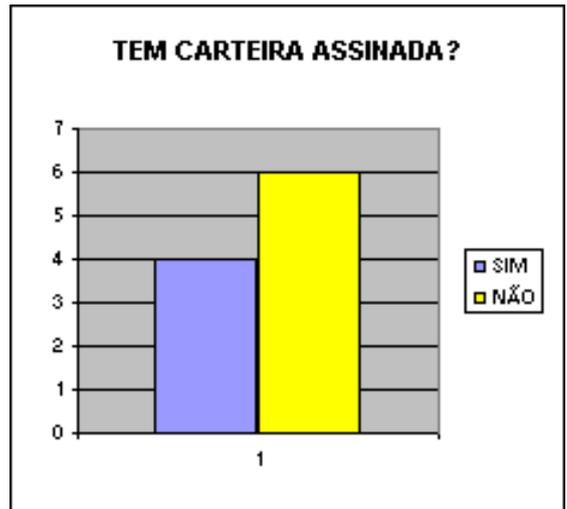
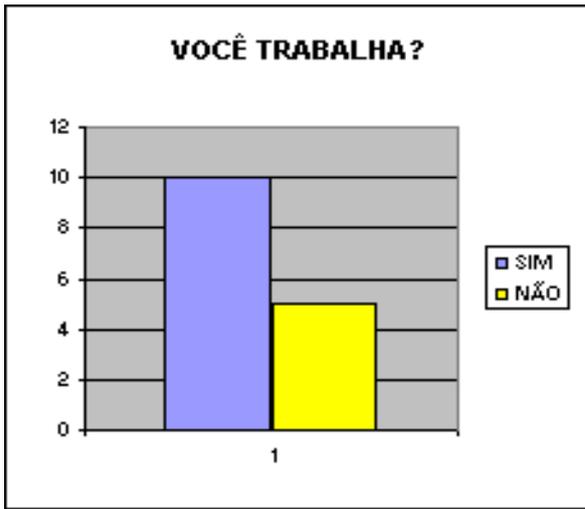
A baixa escolaridade desse grupo e, conseqüentemente, o pouco domínio da assim denominada cultura escolar, pode ser detectada no alto índice de alunos que repetiram de série mais de uma vez e, principalmente, na grande quantidade que interrompeu os estudos por mais de 15 anos. Esses dados revelam uma situação de exclusão escolar, efeito da pouca atenção que a educação escolar recebeu dos líderes políticos de nosso país ao longo de sua história.



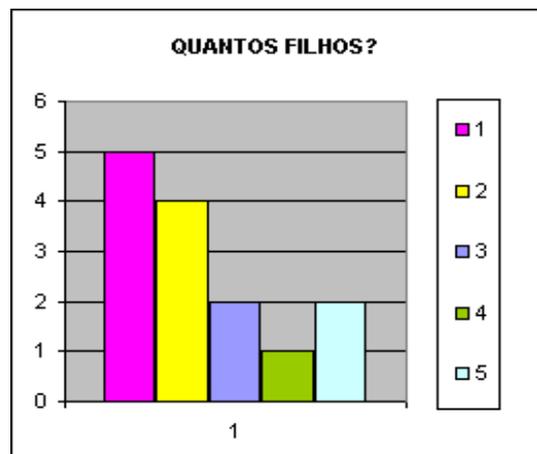
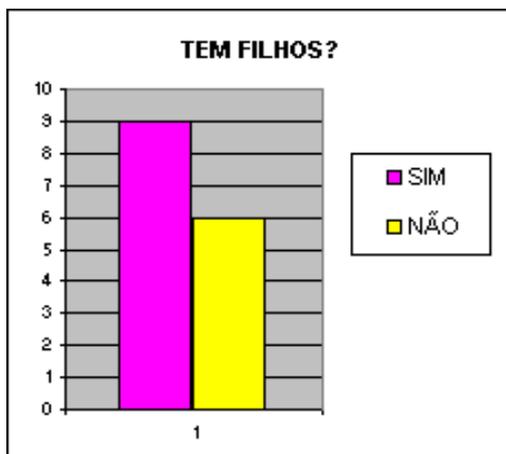
A origem social e a condição de pobreza do grupo pesquisado pode ser atestada pelas justificativas dadas pelos alunos para o fato de terem abandonados os estudos: a maioria devido à necessidade de trabalhar para a subsistência pessoal e familiar, e alguns poucos devido à distância da escola, a impedimento familiar, casamento e falta de oportunidade. Quanto aos motivos pelos quais retornaram à escola, a maior parte alegou a necessidade de se conseguir um emprego melhor, seguido por uma grande parcela que revelou o desejo de ampliar seus conhecimentos. Apenas cerca de 12% deixou explícito o desejo de continuar os estudos no Ensino Superior.



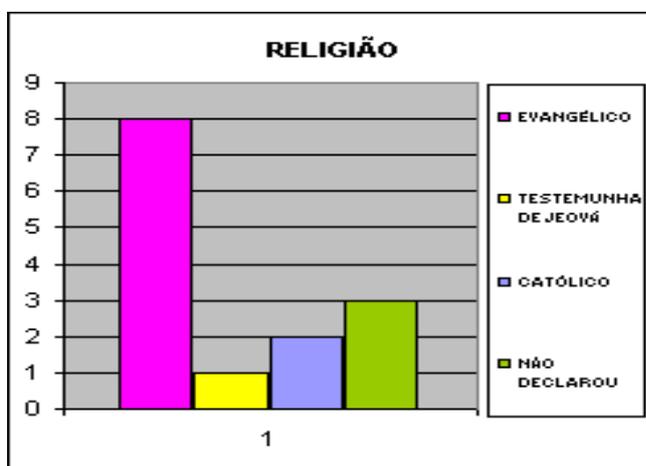
São trabalhadores e um número importante de mulheres, em torno de 50% aproximadamente, se declarou como sendo “do lar”, entendendo por isso, o fato de ficarem em casa cuidando da família e dos trabalhos domésticos. Trata-se, em sua maior parte, de trabalhadores informais e com pouca estabilidade no emprego, visto que, poucos têm carteira assinada (dos que se declararam trabalhadores, apenas 40%) e a maioria, dos 46% que declararam o tempo em que estão no atual emprego, em torno de 42% revelaram ter mais de 5 anos em uma mesma empresa. Nitidamente se encontram empregados em atividades de baixa remuneração, visto que, majoritariamente recebem menos de 2 salários mínimos por mês trabalhado.



Embora 60% tenha declarado possuir filhos é possível afirmar que seguem a atual tendência da população brasileira de queda em seu crescimento vegetativo, uma vez que a maioria tem de 3 filhos para menos.



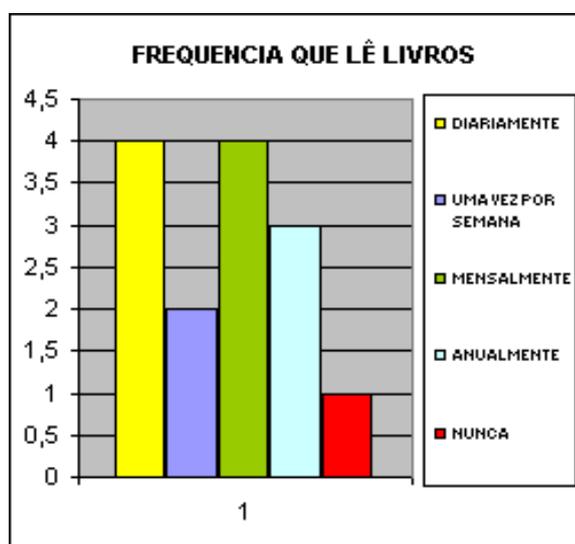
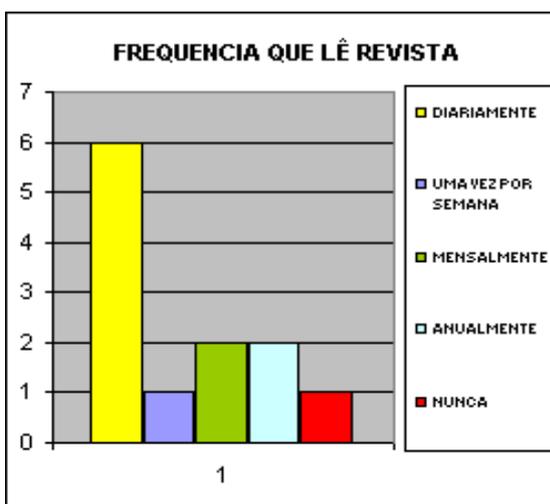
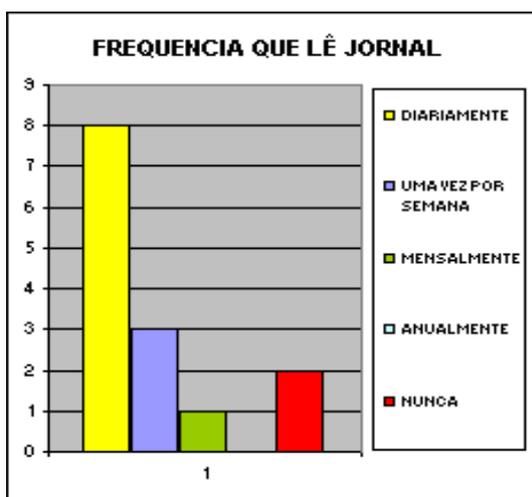
Outra tendência brasileira, desta vez no campo religioso, pode ser percebida no altíssimo número de estudantes que se declararam evangélicos, em torno de 57%, contra uma minoria (14%) de católicos . Contudo, há que se considerar um pequeno número (pouco mais de 21%) dentre os pesquisados que optaram por não declarar seu credo religioso.



Esses dados no campo da religião podem ser indicadores importantes, no que diz respeito à resistência quanto ao estudo do preconceito de natureza étnico-racial com relação ao negro devido à conhecida e tradicional oposição historicamente constituída e muito arraigada em nossa sociedade, por católicos e evangélicos em relação às manifestações culturais, de matriz africana.

Isso é particularmente dramático sobretudo no que diz respeito aos aspectos religiosos dessas manifestações culturais, comumente consideradas enquanto expressões demoníacas. Essa visão maniqueísta da realidade contribui em larga medida para o enraizamento de preconceitos e estereótipos variados nos que diz respeito às manifestações religiosas de origem africana, em virtude do altíssimo grau de fidelidade e adesão emocional dos fies às crenças de sua predileção.

A maioria do universo pesquisado lê basicamente jornais, revistas e têm acesso à internet, não considerando aqui o volume e a qualidade das informações obtidas por esses meios. A leitura de livros é pouco realizada, raramente ocorrendo diariamente. A TV, o rádio, o CD e o DVD são importantes fontes de lazer e fruição cultural para esses estudantes. No entanto, o acesso a outras fontes de cultura como o cinema, o teatro, shows e jogos é bastante restrito.



3. PROPOSTA E SUA JUSTIFICATIVA

Vivemos em um país marcado por problemas seculares dentre os quais podemos destacar os profundos preconceitos de natureza étnico-racial. Nesse particular, o racismo com relação ao negro merece especial atenção, uma vez que se constitui em fonte de infelicidade para uma enorme parcela de cidadãos em nosso país.

O preconceito com relação ao negro no Brasil diversas vezes foi e continua sendo negado sob a falsa alegação de que vivemos em uma democracia racial. Esse argumento pode ser apontado como um dos principais responsáveis pelo silêncio histórico a que esse assunto tem sido relegado em nosso país.

No entanto, além da própria humilhação sentida na pele cotidianamente por milhões de brasileiros, diversos estudos e pesquisas têm revelado não só a existência do racismo, mas também a forma cruel com que o mesmo se manifesta em nosso meio. Com efeito, o racismo brasileiro na maioria das vezes, mas nem sempre, se caracteriza por sua sutileza e, por isso mesmo, imperceptível a sentidos menos atentos.

Nesse contexto, a escola não deve ser interpretada enquanto realidade isolada, mas sim enquanto instituição inserida na sociedade. Dessa forma, apresenta as virtudes e os problemas típicos dessa mesma realidade social, entre os quais, o racismo.

Os sujeitos que integram a comunidade escolar, em boa medida continuam a difundir de forma mais ou menos inconsciente os preconceitos de natureza étnico-racial. Nesse particular são auxiliados por discursos e recursos didático-pedagógicos que, utilizados de forma acrítica, funcionam como veículos propagadores de uma pedagogia que não reconhece a problemática racial em nosso país. Isso, quando não adota pura e simplesmente a conhecida estratégia do silêncio.

Sabemos que o ensino de todo e qualquer conteúdo escolar da área de história acarreta diversos problemas de caráter geral e específico. O enfrentamento de temas relacionados à participação/situação do negro ao longo da história do Brasil conduz a atitudes que transitam entre a apatia e o conhecido preconceito velado e inconsciente tipicamente brasileiro, caracterizando-se em uma “... *falta de preparo, que devemos considerar como reflexo de nosso mito de democracia racial...*”, aqui definido como “... *mito segundo o qual no Brasil não existe preconceito étnico-racial e, conseqüentemente, não existem barreiras sociais baseadas na existência de nossa diversidade étnica e racial*” (MUNANGA, 2000, p. 7).

Por outro lado, há maneiras de lidar com a temática de forma meramente mecânica, como se tratasse de conhecimento eminentemente técnico e despido de vida. Tudo isso em meio a

manifestações que revelam intolerâncias quanto à alteridade e a um profundo desconforto que se caracteriza pela ansiedade em se passar para outro conteúdo menos polêmico o mais rápido possível.

É inegável que diversas vezes esse problema é gerado pela ausência de uma adequada contextualização do assunto, pela baixa qualidade do material didático selecionado e pela inadequação da metodologia e técnicas de ensino utilizadas. No entanto, sustentamos a hipótese de que o principal fator responsável pela existência dos problemas relacionados ao estudo do racismo é a permanência e até mesmo o recrudescimento do mesmo com relação ao negro no Brasil.

De outro modo, como se explicaria atitudes como a desqualificação desse tema sob a alegação de que o mesmo constitui falso problema, tendo em vista a prevalência entre os alunos da concepção de que vivemos em uma democracia racial? E como lidar com essa temática na sala de aula diante da ansiedade em se mudar para um novo conteúdo, como já foi anteriormente mencionado?

Partimos do pressuposto de que tal público, por ter nascido e vivido em uma sociedade que, além de autoritária, nega o racismo embora esteja profundamente envolvido por ele desde o nascimento, aprendeu as características específicas desse mesmo racismo através da sua vivência e convivência nas várias instituições sociais.

Sendo assim, toda e qualquer abordagem que se proponha a demonstrar o contrário do que historicamente aprendeu, ou seja, a realidade e concretude do racismo em nossa sociedade e suas específicas formas de manifestação, provoca nos sujeitos envolvidos nessa discussão a apatia, a emissão de opiniões de senso comum equivocadas, aprendidas ao longo da vida, agressividade no debate do tema e a ansiedade em se passar rapidamente para um conteúdo novo e menos polêmico.

Evidentemente que, ao lado dessa tese central, a metodologia no ensino da história, como de resto no ensino de toda e qualquer disciplina escolar, não deve ser, nos dias atuais, baseada na já conhecida decoreba e mera transmissão de conteúdos descontextualizados e, por isso, despidos de vida.

O antídoto a essa situação é a abordagem dos temas a partir do diálogo com a cultura e conhecimentos adquiridos previamente pelos alunos. Essa atitude, ao lado da adoção de recursos didático-pedagógicos diversificados cumpre o papel de, a partir da democratização da palavra, estabelecer um real contato com os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem gerando uma rede de significados.

A principal crítica à hipótese que sustentamos, provavelmente referirá à suposição de que em nosso país o racismo é inexistente, recorrendo à histórica e famosa tese da democracia racial. A resposta a essa crítica poderá ser feita a partir da divulgação e análise de dados objetivos das

diversas e confiáveis pesquisas feitas abordando a temática, onde se evidencia a existência e as peculiaridades do racismo no Brasil. Com efeito, tais pesquisas demonstram de forma absolutamente clara e inequívoca as desigualdades e injustiças vivenciadas pela população negra em nosso país. Além disso, é perfeitamente possível utilizar os argumentos do próprio defensor da democracia racial como exemplos típicos da sutileza desse tipo de racismo.

Quanto à contestação da metodologia que deve ser empregada na abordagem dos temas de natureza histórica, podem ser arrolados os conhecimentos da área de psicologia que demonstram a(s) forma(s) em que o conhecimento pode ser adquirido pelos diversos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Também pode se lançar mão das diversas experiências pedagógicas que atestam o sucesso maior da pedagogia dialógica em comparação com as pedagogias tradicionais.

Inicialmente é preciso lembrar que o problema detectado é fruto de um longuíssimo e complexo processo histórico e que, por isso, dificilmente logrará êxito completo e adequado. Desenvolver uma ação pedagógica de crítica ao racismo significa “*nadar contra um tsunami*”. No entanto, é necessário que esse trabalho seja feito se almejamos o desenvolvimento de uma sociedade menos desigual e injusta. Se esse plano de intervenção pedagógica não soluciona a totalidade do problema, nem por isso pode ser abandonado sob a alegação de inutilidade. Isso porque cumpre a importante função de provocar o necessário desequilíbrio na estrutura de conhecimento dos sujeitos nele envolvidos, condição essencial, segundo grande autor, para a edificação de um novo conhecimento.

A nossa proposta é a de que a situação do negro na história e na sociedade brasileira atual seja tratada pedagogicamente na escola de forma dialógica e problematizada, através da utilização de recursos didático-pedagógicos diversos. É preciso que os sujeitos envolvidos no projeto leiam textos de suportes variados escrevam, falem, pesquisem, debatam enfim, a questão no intuito de provocar um conhecimento tal que acabe por interferir de alguma maneira em sua concepção e atitude com relação a essa temática.

Por fim é muito importante salientar que esse tipo de trabalho, pela alta carga de passionalidade envolvida, não pode, enquanto abordagem conceitual específica prolongar-se por tempo em demasia. É necessário que seja profundo e que se estenda nas atitudes e comportamentos dos sujeitos. Isso não impede, contudo, que o tema seja sempre referido de forma crítica ao longo do ano na abordagem de outros conteúdos da história, sendo também, relevante observar e intervir nas atitudes e comportamentos.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1- A constituição do racismo no Brasil – características e peculiaridades

O historiador francês Fernand Braudel (1986) destacou em seus estudos a existência de três dimensões do tempo histórico, a saber: as de curta, média e longa duração. O preconceito de natureza étnico-racial se inscreve no tempo de longa duração, visto que, da forma como o conhecemos existe desde o século XV, aproximadamente.

O estudo do racismo na EJA se justifica em virtude dos imensos danos sociais e psicológicos que provoca, constituindo-se inequivocamente em violento atentado contra a dignidade humana. O racismo pode ser apontado como um dos principais responsáveis pela violência que existe no mundo, dado a situação de injustiça que lhe é inerente. As manifestações racistas são sustentadas por um posicionamento ideológico que sustenta equivocadamente a crença na superioridade de uma raça sobre outra. Assim, enquanto algumas raças são ideologicamente classificadas como dotadas das melhores qualidades outras, ao contrário, são caracterizadas como inferiores, o que de resto é uma inverdade, como bem tem sido demonstrado pelas ciências da natureza. Afinal de contas,

os militantes e intelectuais que adotam o termo raça não o adotam no sentido biológico, pelo contrário, todos sabem e concordam com os atuais estudos da genética de que não existem raças humanas. (GOMES, 2005, p.47)

Além disso, é importante ressaltar ainda que esses militantes e intelectuais

...trabalham o termo raça atribuindo-lhe um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete. (GOMES, 2005, p.47)

Especificamente no mundo ocidental, o racismo com relação aos povos nativos da América, da Ásia e principalmente da África, assumiu a atual feição a partir das grandes navegações oceânicas dos séculos XV e XVI. Com efeito,

O racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência européia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico de escravos, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial européia. (SANT'ANA, 2000, p.34)

A partir de então, até os dias de hoje os europeus, empreendedores desse expansionismo, passaram a julgar a qualidade dos outros povos do mundo tomando como padrão ideal a sua própria cultura, de forma que quanto maior a diferença dos outros povos, comparativamente com as culturas européias, maior seria a sua inferioridade. Desse ponto de vista a história humana seria concebida como uma escalada evolutiva de formas primitivas e selvagens de organização até o ponto mais avançado e civilizado, evidentemente alcançado pelos brancos europeus. Em outras palavras,

Esta concepção linear do tempo e da história – segundo a qual o presente acaba sendo reduzido a um ponto, comprimido entre um passado dilatado e um futuro infinito -, transforma culturas, técnicas e formas de relação cujas existências são simultâneas em elementos sucessivos. (SANTOS, 2009, P.6).

A partir do grande expansionismo marítimo-comercial europeu até os dias de hoje essa inferiorização dos povos não europeus do mundo foi e continua sendo largamente utilizada com o claro objetivo de justificar ideologicamente a exploração européia e, depois dos Estados Unidos da América. De acordo com essa ideologia racista os brancos, sendo superiores deveriam dominar em todos os sentidos os outros povos, impondo-lhes o modo de vida europeu, essencial a sua elevação cultural.

Essa forma de analisar a história e as relações sociais no mundo se tornou hegemônica e é responsável diretamente pelo sofrimento de milhões de seres humanos que são cotidianamente desprezados como se realmente fossem uma variação inferior da espécie humana. Isso, apesar de toda a falácia acerca dos argumentos e atitudes racistas.

As especificidades do racismo à brasileira moldaram-se ao longo do tempo segundo contextos históricos específicos, desde a escravidão do período colonial até os dias atuais. Durante a colonização o negro, enquanto sujeito escravizado, era considerado como objeto ou animal que deveria ser tratado como outra mercadoria qualquer.

Essa visão começou a se modificar no contexto da abolição da escravidão quando é possível perceber um esforço por parte do próprio negro e de vários abolicionistas no sentido de convencer o público mais geral da humanidade do negro. Ao lado dessa construção a cerca da imagem do negro desenvolvem-se, no entanto, diversas teorias “científicas” que procuram provar a existência de raças

humanas e da superioridade do branco europeu. Essas teorias levam parte da intelectualidade brasileira a discutir as possibilidades de desenvolvimento do Brasil, concluindo que isso só seria possível através da aplicação de políticas de branqueamento da população brasileira, eminentemente negra e mestiça.

A valorização do negro e do mestiço ocorre no início do século XX através de eventos como **A Semana de Arte Moderna**, através da produção e exposição de diversas obras de arte onde essa figura nacional aparece em papel de destaque. Nesse contexto surgem intelectuais como Gilberto Freyre que, em sua obra enaltece o negro e o mestiço, consolidando a nível das idéias o mito da democracia racial.

Esse mesmo mito foi desmistificado por autores como Florestan Fernandes ao longo das décadas de 30, 40 e 50 do século XX, quando se procurou demonstrar as falácias da democracia racial brasileira.

Paralelamente ao longo de todo esse tempo, os próprios negros se esforçaram no sentido de se organizar politicamente com os objetivos de denunciar e combater as injustiças raciais no Brasil. Movimentos como a FNB (Frente Negra Brasileira), O Teatro Experimental e, principalmente o MNU (Movimento Negro Unificado) foram e, no caso desse último ainda são, fundamentais no rompimento do silêncio no que diz respeito às manifestações de caráter racistas em nosso país.

Essas idéias e movimentos influenciaram e ainda influenciam na construção da nossa identidade racial. Com efeito o racismo no Brasil é uma construção histórica e, enquanto tal, passível de transformação. Nesse particular a escola assume papel de destaque, visto que, se trata de instituição que atua na formação de conceitos, competências, habilidades e atitudes necessárias à formação da cidadania crítica e atuante.

4.2- Educação para o combate ao racismo

A luta histórica dos negros brasileiros contra a discriminação étnico-racial e pela valorização de suas especificidades culturais culminou na aprovação da Lei 10.639/03 e na publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A Lei cumpre a função de preencher uma importante lacuna nos currículos das escolas brasileiras instituindo a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira. Por outro lado, as Diretrizes fornecem importantes concepções e subsídios na aplicação da Lei no universo escolar brasileiro.

São orientações que, partindo da constatação da existência do racismo na sociedade brasileira sugere conteúdos, posturas e metodologias essenciais no combate ao preconceito e na valorização das culturas africanas e afro-brasileiras. Nesse sentido propõe, entre inúmeras outras medidas, a necessidade de se formar subjetividades rebeldes e democráticas, projetos interdisciplinares, mudança de postura dos profissionais e a articulação com outros movimentos externos à escola. Em outras palavras, propõe atitudes que superem o mero acréscimo de novos conteúdos escolares.

De fato, tanto na Lei 10.639/03 quanto nas Diretrizes, é possível apontar que, no mundo ocidental de uma forma geral e na sociedade brasileira em particular, palavras, situações e atitudes racistas circulam em larga medida nos meios de comunicação de massa, nos livros didáticos escolares, nas conversas cotidianas e nas relações sociais como se fossem verdades absolutas, moldando o modo de pensar e conceber o mundo, justificando e consolidando o racismo historicamente construído. Seguramente,

(...) nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam o mesmo conteúdo viciado, depreciativo e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. (MUNANGA, 2000, P. 7)

Nesse sentido, educar para as relações étnico-raciais nas sociedades atuais significa constatar a existência do racismo, reconhecê-lo enquanto explicação inadequada do mundo, identificar as diversas formas pelas quais se manifesta, contextualizar historicamente a origem dessas idéias e adotar, no cotidiano, atitudes firmes no sentido de combatê-las onde quer que ocorram. Nessa empreitada a escola assume papel preponderante, visto que, além de se caracterizar enquanto uma

instituição social onde as atitudes preconceituosas se repetem e se reproduzem, possui o papel fundamental de analisar e criar posturas críticas ante toda e qualquer situação ou ideologia preconceituosa e escravizante disseminada no corpo social.

Entendemos que, em assim procedendo, estaremos em consonância com as imprescindíveis recomendações constantes das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, quando afirma que os

(...) sistemas de ensino e estabelecimentos de diferentes níveis converterão as demandas dos afro-brasileiros em políticas públicas de Estado ou institucionais, ao tomarem decisões e iniciativas com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileiros, à constituição de programas de ações afirmativas, medidas estas coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que explicitamente se esboçam nas relações pedagógicas cotidianas. (2005, P. 13)

5. OBJETIVOS

5.1- Objetivo Geral

O presente Plano de Ação tem por objetivo desenvolver junto aos estudantes as capacidades de identificar manifestações racistas em seu contexto social e cultural, compreendendo a especificidade do racismo com relação ao negro em nosso país, bem como o processo histórico que fundamentou a sua formação, adotando concomitantemente atitudes de crítica e de combate ao preconceito de natureza étnico-racial, através da valorização dos traços culturais de matriz africana presentes no mundo de uma forma geral, e no Brasil em particular.

5.2- Objetivos Específicos

Promover junto aos alunos uma aprendizagem em que sejam capazes de:

1. Identificar as imagens negativas construídas a respeito da África e de sua história nos meios de comunicação de massa.
2. Identificar os interesses ocultos atrás das imagens negativas a respeito da África em documentos da época do Neocolonialismo.
3. Identificar e disseminar aspectos positivos do continente africano e das culturas do mesmo.
4. Diferenciar preconceito e racismo.
5. Caracterizar o racismo nos Estados Unidos em comparação com o racismo no Brasil.
6. Identificar e caracterizar o racismo brasileiro.
7. Comparar as manifestações racistas nos Estados Unidos com as manifestações racistas no Brasil.
8. Identificar e criticar manifestações racistas nas relações humanas, nos meios de comunicação de massa e nos livros didáticos.
9. Identificar e combater manifestações racistas nas relações cotidianas na escola;
10. Descrever as viagens que traziam os africanos para o Brasil durante o período em que vigorou a escravidão no Brasil, em uma perspectiva crítica, diferenciando africano de escravo e esclarecendo que foram forçados a vir para o Brasil, não vindo por vontade própria

11. Descrever o dia-a-dia e as condições do trabalho escravo no Brasil numa perspectiva crítica evidenciando a força e a criatividade dos africanos e seus descendentes na resistência à escravidão.
12. Explicar a opção dos portugueses pelo trabalho escravo na colonização do Brasil evidenciando as limitações históricas na adoção de outras modalidades de trabalho no processo de exploração colonial.
13. Explicar a opção dos portugueses em utilizar o africano como trabalhador escravo em detrimento da escravização do indígena, esclarecendo os interesses econômicos envolvidos nessa opção.
14. Citar e explicar as diversas formas de resistência contra a escravidão desenvolvidas pelos africanos e seus descendentes durante o período em que a mesma vigorou no Brasil.
15. Explicar a forma lenta e gradual que assumiu o processo de abolição da escravidão no Brasil demonstrando a resistência das elites agrárias brasileiras na transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado.
16. Relacionar a situação desfavorável dos negros brasileiros na atualidade à forma como ocorreu a extinção do trabalho escravo no país.
17. Destacar as manifestações culturais, intelectuais e políticas da população negra do Brasil na perspectiva de sua valorização enquanto sujeitos da história.

6. METODOLOGIA

O presente Plano de Ação foi trabalhado com a turma do Básico e uma das turmas do Intermediário, ambas constitutivas do chamado segundo segmento de EJA do ano de 2010 da Escola Municipal Amilcar Martins.

Utilizamos no desenvolvimento do Plano de Ação diversos recursos didático-pedagógicos, objetivando com isso contemplar os diversos caminhos e formas como se realiza a aprendizagem humana. Pretendemos, com essa decisão, tornar o estudo do tema uma tarefa que fosse prazerosa e ao mesmo tempo profunda e significativa. Dentre esses recursos podemos citar a utilização de filmes, músicas, poesias, textos escritos de suportes diversos como revistas, livros didáticos, propagandas, programas televisivos e jornais, entrevistas, etc.

A localização e o emprego dos recursos didático-pedagógicos adequados a uma abordagem crítica das relações étnico-raciais como a que se propôs o presente Plano de Ação, constituiu um desafio à paciência e à criatividade. Embora a PBH tenha ano após ano dotado as escolas da rede com material didático adequado a essa temática, muito ainda há que se fazer nesse sentido, sobretudo no que diz respeito a material para utilização em sala de aula. Felizmente foi possível recorrer à própria experiência no magistério no trato com o tema e à ajuda de diversos companheiros na sugestão e localização desses materiais pedagógicos.

Inicialmente utilizamos a técnica popularmente conhecida como tempestade cerebral objetivando, em um primeiro momento constatar as imagens que os estudantes têm do continente africano e posteriormente dialogamos com essas imagens de senso comum disseminados pela mídia exibindo e apresentando às turmas as imagens positivas relacionadas à África.

Pretendemos, com essa atividade valorizar as diversas culturas do continente partindo do pressuposto de que dessa forma seria possível valorizar também as heranças culturais africanas existentes no Brasil. Essa atividade foi complementada com o estudo de um texto escrito em que procuramos definir os conceitos de cultura e relatividade cultural bem como explicar os motivos que conduziram o mundo ocidental de uma forma geral a adotar e disseminar imagens negativas da África.

A partir de uma aula devidamente dialogada empreendemos esforços no sentido de compreender e diferenciar preconceito de racismo, bem como citar, a partir da experiência dos próprios estudantes exemplos de preconceitos de natureza étnico racial e de outros preconceitos de natureza social, cultural e de gênero, por exemplo. Acreditamos que o devido redimensionamento desses dois conceitos seria essencial não só para compreender as imagens que o senso comum consolidou a

respeito do continente africano mas também, e principalmente, para a realização das futuras atividades de identificação e crítica das manifestações racistas existentes nos casos estudados, a saber nos Estados Unidos da América e no Brasil.

A exibição e análise do belo filme norte-americano *Homens de Honra*, dirigido por George Tilman Jr. e estrelado por Cuba Gooding Jr. cumpriu a função de demonstrar e caracterizar a(s) forma(s) como o racismo com relação à população negra se manifesta nos Estados Unidos. O estudo do caso norte-americano foi utilizado como contraponto ao estudo de caso brasileiro, no momento em que se tornou necessário identificar a especificidade do chamado racismo à brasileira.

A seguir procuramos, através de uma atividade de sondagem de opiniões das turmas e de uma entrevista acerca do assunto, identificar a existência do preconceito racial no Brasil. Exibimos e analisamos diversos indicadores sociais expressos em gráficos de diversas formas e tabelas visando atingir esse mesmo objetivo. Esse momento da realização do Plano de Ação foi extremamente importante, uma vez que se trata de pré-requisito essencial às etapas seguintes, quais sejam as de criticar e combater as manifestações racistas em nosso meio.

A observação e análise de textos de livro didático e jornalísticos, de propagandas e programas televisivos cumpriram a função de consolidar não só a constatação da existência do racismo no Brasil, mas também de identificar a sua especificidade em comparação com as manifestações racistas nos Estados Unidos. Observamos que com essas atividades os estudantes desenvolveram uma certa acuidade crítica gabaritando-os, não só a criticar como também a adotar uma postura de auto-análise no sentido de perceber seu próprio racismo e, assim, assumir a decisão pessoal de combatê-lo em si mesmos.

Trabalhamos esse Plano de Ação até esse ponto. No entanto, acreditamos na necessidade de completar essa formação para as relações étnico-raciais, com estudos históricos que possibilitem a compreensão das causas que produziram em nossa sociedade atual o fenômeno do racismo caracteristicamente brasileiro, também denominado de mito da democracia racial pelo importantes autores autores. Nesse sentido, utilizaremos inicialmente e de forma devidamente crítica a letra/música do rapper brasileiro Gabriel Pensador “Lavagem Cerebral”, uma vez que percebemos nesse trabalho uma boa síntese das formas através da qual o racismo é aprendido e ensinado no Brasil e também porque demonstra de maneira divertida e necessariamente militante a inadequação de se adotar atitudes racistas em nosso cotidiano.

O combate a estereótipos e a idéias pré-concebidas originárias do período colonial e disseminadas pelas elites brasileiras de todos os tempos nos conduziu à necessidade de estudos de textos produzidos por historiadores que possam fornecer explicações devidamente documentadas de problemas como, por exemplo, os fatores que levaram à adoção do trabalho escravo no Brasil de

uma forma geral e do emprego preferencial da mão-de-obra do negro em detrimento do emprego da mão-de-obra indígena, em particular.

A descrição das condições das viagens forçadas transoceânicas nos famigerados navios negreiros bem como das duras condições de vida e trabalho na colônia portuguesa da América cumpre a função de esclarecer os motivos que conduziram os africanos e seus descendentes a desenvolver diversas formas de resistência à exploração do trabalho escravo. O estudo dessas formas de resistência deve contemplar estratégias de reexistência (SANTOS, 2009), tais como as fugas individuais e coletivas, a formação dos quilombos, o chamado “corpo mole” no trabalho, o suicídio, o infanticídio, o fortalecimento de manifestações culturais de matriz africana como a capoeira e o candomblé e a sedução. Assim torna-se possível conceber o negro escravizado no Brasil como um sujeito de sua própria história e não apenas enquanto objeto passível de total manipulação nas mãos dos europeus.

Todo esse estudo de natureza histórica deverá possibilitar também o entendimento de que a atual situação de desigualdade vivenciada pelos negros brasileiros não têm causas genéticas e por isso racistas como ainda se divulga em nosso meio, mas sim históricas, ou seja, devidamente produzidas pelos grupos humanos em contextos específicos sendo, portanto, passíveis de serem transformadas.

7. CRONOGRAMA

NUMERO DE AULAS	OBJETIVOS	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
01 AULA	Identificar as imagens negativas construídas a respeito da África e de sua história. Identificar os interesses ocultos atrás das imagens negativas a respeito da África.	Técnica conhecida como tempestade cerebral, sobre as imagens que os estudantes têm da África. Debate explorando o assunto.	Lousa e pincel.
05 AULAS	Identificar e disseminar aspectos positivos do continente e das culturas africanas.	Leitura e interpretação oral e escrita de texto explorando as imagens relacionadas à África. Leitura e interpretação oral e escrita de texto explorando os conceitos de cultura, relatividade cultural e eurocentrismo.	Texto: África: berço de diversas civilizações. Texto: Cultura, Relatividade cultural e Eurocentrismo
03 AULAS	Diferenciar preconceito e racismo	Debate Leitura e interpretação oral e escrita de texto.	Texto: Preconceito e racismo
03 AULAS	Caracterizar o racismo nos Estados Unidos em comparação ao racismo no Brasil	Exibição e discussão de filme sobre o racismo nos Estados Unidos. Resolução de roteiro do filme.	Filme: Homens de Honra Questões do roteiro
	Identificar e caracterizar o racismo brasileiro	Entrevista à comunidade escolar sobre a existência do racismo. Tabulação e análise dos dados da entrevista. Análise de gráficos e tabelas demonstrando a existência do racismo com relação ao negro no Brasil.	Questões para entrevista. Data Show Reprodução de gráficos e tabelas Letra da música Lavagem Cerebral , do rapper Gabriel Pensador

<p>06 AULAS</p>		<p>Audição e análise oral e escrita da letra e música sobre o racismo. Relato de experiências dos próprios estudantes envolvendo situações em que houve manifestações racistas.</p>	<p>CD com a música a ser utilizada Aparelho de som</p>
<p>02 AULAS</p>	<p>Comparar as manifestações racistas nos Estados Unidos com as manifestações racistas no Brasil.</p>	<p>Estudo de frases em que o racismo é veiculado de forma velada e/ou inconsciente. Produção de texto comparando o racismo nos Estados Unidos com o racismo à brasileira.</p>	<p>Folha com frases racistas e questões para análise</p>
<p>04 AULAS</p>	<p>Identificar e criticar manifestações racistas nas relações humanas, nos meios de comunicação de massa e nos livros didáticos no Brasil.</p>	<p>Análise de imagens e textos de livros didáticos que veiculam ideologia racista. Exibição e análise de trechos de novela e de propagandas televisivas, explorando a forma em que o negro é representado em nossa sociedade</p>	<p>Textos de livros didáticos onde o negro é representado Computadores/internet</p>
<p>04 AULAS</p>	<p>Descrever as viagens que traziam os africanos para o Brasil durante o período em que vigorou a escravidão no Brasil.</p>	<p>Estudo de texto abordando o assunto. Produção de cartazes expressando o imaginário dos estudantes acerca dos navios negreiros.</p>	<p>Texto didático: O negro escravo Papel craft Pincel atômico Régua Durex Cola</p>
<p>04 AULAS</p>	<p>Descrever o dia-a-dia e as condições do trabalho escravo no Brasil.</p>	<p>Produção de cartazes explorando o imaginário dos estudantes sobre o cotidiano do escravo no Brasil e de suas formas de resistência. Análise oral e escrita de documentos de época esclarecendo sobre o cotidiano dos escravos no Brasil.</p>	<p>Papel craft Pincel atômico Régua Durex Cola Documentos de época Réplicas de pinturas da época</p>
<p>02 AULAS</p>	<p>Explicar a opção dos portugueses pelo trabalho escravo na colonização do Brasil.</p>	<p>Estudo e análise escrita e oral de texto abordando o assunto de forma crítica.</p>	<p>Texto didático: Organização da área açucareira</p>

<p>02 AULAS</p>	<p>Explicar a opção dos portugueses em utilizar o africano como trabalhador escravo em detrimento da escravização do indígena.</p>	<p>Estudo e análise escrita e oral de texto abordando o assunto de forma crítica</p>	<p>Texto didático: Escravidão indígena</p>
<p>03 AULAS</p>	<p>Citar e explicar as diversas formas de resistência contra a escravidão desenvolvidas pelos africanos e seus descendentes durante o período em que a mesma vigorou no Brasil.</p>	<p>Análise oral e escrita de documentos de época demonstrando as diversas forma de resistência dos negros ao trabalho escravo no Brasil. Produção de texto sobre a resistência negra no Brasil.</p>	<p>Documentos de época</p>
<p>03 AULAS</p>	<p>Explicar a forma lenta e gradual que assumiu o processo de abolição da escravidão no Brasil.</p>	<p>Estudo e análise oral e escrita de texto explicando o processo que resultou no fim do trabalho escravo no Brasil. Debate: 13 de maio ou 20 de novembro?</p>	<p>Texto didático: Abolição lenta e gradual</p>
<p>02 AULAS</p>	<p>Relacionar a situação desfavorável dos negros brasileiros na atualidade à forma como ocorreu a extinção do trabalho escravo no país.</p>	<p>Estudo e análise oral e escrita de texto relacionando a situação atual dos negros brasileiros à forma como a sociedade brasileira tem se relacionado historicamente com a questão étnico-racial no Brasil.</p>	<p>Texto didático: O negro torna-se um igual na lei, mas permanecem as desigualdades racial e social</p>
<p>04 AULAS</p>	<p>Destacar as manifestações culturais, intelectuais e políticas da população negra do Brasil</p>	<p>Fruição de produções culturais, artísticas e intelectuais de negros brasileiros, tais como músicas, poemas, dança, futebol, capoeira e biografias de negros e negras que se destacaram intelectualmente</p>	<p>CDs e letras de músicas de Gilberto Gil, Milton Nascimento, Cartola e Racionais Aparelho de som Poemas de Castro Alves Computador/internet para fruição de imagens de danças, lances de futebol e exibição de capoeira Textos biográficos de Chica da Silva, Grande Otelo, José do Patrocínio, Machado de Assis e Milton Santos.</p>

8. AVALIAÇÃO

Como já foi dito anteriormente, não esperávamos uma mudança radical na atitude de todos os sujeitos envolvidos no presente plano de ação. No entanto, é inegável que nutríamos a expectativa de que, além da aquisição de conhecimentos básicos relacionados com o tema do racismo, alguma mudança fosse percebida pelo menos na maioria desses sujeitos. Para tanto pensamos em uma avaliação que atendessem aos imperativos de detectar manifestações de preconceito étnico-racial em todo e qualquer discurso sobre a situação do negro ao longo da história e nos dias atuais.

Pretendíamos ainda que, uma vez detectado tais preconceitos, os alunos pudessem fazer a crítica racional dos mesmos, explicando os motivos que provocaram essas manifestações. Por fim, mas não menos importante, esperávamos que a maioria dos alunos pudessem revelar, em atitudes diversas em seu cotidiano, a superação ou pelo menos uma maior consciência em suas relações de caráter étnico-racial.

Para isso, utilizamos instrumentos variados de observação e verificação do progresso alcançado pelos estudantes seja no aspecto cognitivo, seja nos aspectos afetivo e comportamental. Em outras palavras, aplicamos provas, entrevistas, observamos participações nos debates, produção de textos e de trabalhos, além da observação rigorosa das participações orais em momentos informais.

A seguir, a título de ilustração a reprodução de algumas citações feitas por alunos em um dos vários trabalhos avaliativos desenvolvidos ao longo dessa primeira parte da aplicação do Plano de Ação e que evidenciam os avanços e limites do que foi trabalhado.

Nós sabemos que a África não tem só problemas e coisas ruins. Sabemos que a África é cheia de diversidade cultural e religiosa, mas isso é pouco divulgado (Alexandra, Turma C)

Nesse depoimento é possível perceber a perplexidade de uma aluna que adquire, talvez pela primeira vez, a consciência de que as informações e imagens que a mídia divulga a respeito do continente africano são incompletas e, por que não dizê-lo, distorcidas em função da adoção de uma concepção eurocêntrica de mundo.

Os demais depoimentos abaixo selecionados evidenciam que, ao menos ao nível da consciência, diversos alunos desenvolveram a percepção de que o racismo com relação ao negro e as suas manifestações culturais é uma realidade no Brasil. Ao mesmo tempo, expressam uma noção mais ou menos clara do racismo enquanto preconceito que estabelece injustamente uma inexistente hierarquia entre os seres humanos.

Os brancos acham que são e podem ser melhores do que os negros e acham que os negros dependem dos brancos para tudo. (Thaiz, Turma C)

...Tanto o branco quanto o negro tem condições de se destacar na área profissional e financeira (Celso, Turma D)

Os negros são iguais os brancos. Os brancos não são melhores que ninguém. Por isso, considero os negros iguais aos brancos e tem o mesmo sangue.(Graciele, Turma D)

Cada povo tem a sua cultura e a sua raça. Sendo assim, ninguém é melhor ou pior. (Maria Gorete, Turma D)

Os negros não são melhores por causa do racismo, preconceito que ainda é muito constante no nosso meio. Ainda bem que existem pessoas corajosas luta contra esse preconceito constante. O resultado disto são as pessoas que estão no poder, liderando cada vez mais (Viviane, Turma D)

Obviamente que esses depoimentos constituem apenas um leve indicativo de que trabalhar a questão do racismo na escola pode produzir alguma transformação nos sujeitos que participam do processo. No entanto, temos plena consciência de que tais discursos não significam que os preconceitos étnico-raciais foram eliminados. Esses alunos continuam a manifestá-los em suas atitudes cotidianas, no entanto, observa-se que alguns deles desenvolveram a capacidade de reflexão antes de emitir suas opiniões sobre o assunto. Sobretudo, não existe mais a cega crença na inexistência do racismo em nosso meio.

A continuidade do trabalho demandará a consolidação do que foi adquirido em termos de crítica e atitude e a adoção de intervenções e observações que possibilitem o aprofundamento da temática e as necessárias correções de rumo.

9. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente é preciso novamente salientar a relevância da inclusão do estudo da História da África e da cultura afro-brasileira em todos os níveis de escolaridade de nosso país, em virtude do alto grau de exclusão a que essa importante área do conhecimento de nossa identidade e da formação de nossa cultura foi relegada ao longo de nossa história.

Obviamente que esses estudos contribuem no sentido de preencher importante lacuna em nossos currículos escolares que até então insistiam, e em muitos casos infelizmente ainda insistem, em uma imagem falsamente européia da civilização brasileira. A leitura equivocada de nossa sociedade, além de provocar injustiças, conduz necessariamente à proposição de medidas ineficazes de combate aos problemas nacionais.

Assim sendo, acreditamos que, ao propor e aplicar o presente Plano de Ação, estaremos efetivamente contribuindo para a construção de uma nação mais democrática e humana.

A minha participação pessoal nesse curso de pós-graduação do LASEB de uma forma geral, e no planejamento e execução desse Plano de Ação acrescentou, além de conhecimentos novos, uma atitude de maior sensibilidade para com certos problemas sociais que continuam a povoar e a se fazer sentir em nosso meio social.

Foi possível redimensionar a profundidade e a amplitude de nossas influências africanas e mais que isso, compreender as razões históricas que produziram o silenciamento, quando não a recusa explícita, com relação a essa importante herança cultural de formação de nosso povo.

O diálogo que se estabeleceu com os estudantes sujeitos desse processo de ensino-aprendizagem, embora tenso em diversos momentos, tem produzido efeitos positivos. A saber: a (re)descoberta da África e de seus habitantes a partir de uma perspectiva anti-imperialista e não eurocêntrica, bem como a construção, lenta e espinhosa, é verdade, de uma nova forma de se considerar e representar a história e a realidade brasileira, a partir do entendimento dos mecanismos que produziram e produzem a exclusão do negro e de suas manifestações culturais.

Há que se considerar ainda a adoção, ainda que um tanto quanto confusa de uma mudança de paradigmas no que diz respeito à forma de se considerar o negro e suas contribuições para a formação cultural do Brasil. Finalmente, tem sido possível observar o surgimento de um incipiente orgulho por parte de alguns estudantes em assumir sua identidade negra.

Apesar do tanto que se tem feito, muito ainda há que se fazer no sentido de se construir nesse país relações étnicas e raciais democráticas e justas. Nessa tarefa a construção e aplicação de

pedagogias que eduquem para as relações étnico-raciais é de fundamental importância, apesar dos imensos obstáculos impostos pela nossa realidade.

Nessas novas pedagogias as abordagens de natureza histórica são essenciais na medida em que cumprem a inestimável e necessária função de iluminar o presente a partir de releituras críticas do passado. Somente a partir de uma compreensão adequada da gênese histórica do racismo no Brasil e dos mecanismos através dos quais o mesmo se manifesta em nosso meio social é possível combatê-lo com alguma eficiência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003 Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. Lisboa: Presença, 1986.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF, junho, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639. Brasília, MEC/BID/UNESCO, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: Superando o Racismo na Escola. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental, 2000.

RIBEIRO, Vanise e ANASTÁSIA, Carla. Brasil: Encontros com a História. Vol. 2. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

SANTOS, Renato Emerson dos. Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro. Trabalho apresentado no XII Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL. Montevideu, 2009.

SANT’ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental, 2000.

ANEXO

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMILCAR MARTINS EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/2010

PERFIL DO ESTUDANTE

Caro aluno, através da aplicação desse questionário a escola tem por finalidade aprofundar o conhecimento e a identificação do público com qual está trabalhando na modalidade EJA. Nossa expectativa é a de que, através desse conhecimento seja possível aperfeiçoar a comunicação entre a escola e o estudante, condição que julgamos fundamental para a melhoria das condições de ensino/aprendizagem e das relações interpessoais em nosso ambiente. Além disso, as respostas apresentadas no presente questionário poderão ser muito úteis na elaboração de projetos de trabalho que possam ter relações com a realidade vivida pela maioria de nossos alunos. Desde já agradecemos a sua colaboração!

1. Nome completo: _____

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Endereço completo: _____

4. Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: ____

5. Naturalidade: _____

6. Nacionalidade: _____

7. Você se considera:

() Negro () Branco () Pardo () Amarelo () outros: Qual? _____

8. Você acha que tem racismo no Brasil?

() sim () Não

9. Você se considera uma pessoa que possui racismo em algum grau?

() sim () Não

10. Cite o nome de escolas que você freqüentou:

11. Repetiu de série alguma vez?

() Sim

() Não

12. Se sim, quantas vezes?

13. Parou de estudar?

() Sim

() Não

14. Se sim, por quanto tempo?

15. Por que parou de estudar?

16. Trabalha?

() Sim

() Não

17. Profissão: _____

18. Ramo de atividade: _____

19. Horário de entrada e de saída do trabalho:

20. Trabalha de Carteira assinada?

() Sim

() Não

21. Se não, por quê?

22. Tempo de trabalho nesse emprego:

23. Tempo de deslocamento de casa ao trabalho e do trabalho para casa:

24. Meio de locomoção:

25. Salário:

() menos de 1 salário mínimo;

() 1 salário mínimo;

() de 1 a 2 salários mínimos;

() de 3 a 4 salários mínimos;

() mais de 4 salários mínimos.

26. Motivos pelos quais estuda atualmente:

27. Tem filhos?

Sim Não

Quantos? _____

28. Professa alguma religião? Qual?

29. Nas perguntas abaixo enumere as alternativas que mais se aproxima da sua de acordo com a frequência que você utiliza cada meio de comunicação: (1) Diariamente (2) Uma vez por semana (3) Mensalmente (4) Anualmente (5) Nunca.

Você lê:

Jornal Revista Livros Outros Não leio

Você utiliza:

TV Rádio CD DVD Computador/Internet.

Com que frequência você vai:

Cinema Teatro Show jogos de futebol Igreja

30. Que atividades de lazer você pratica?
